

Cem sítios arqueológicos; com emprego até de jumento

A vida exige de cada um pelo menos um pouco de idealismo, não só a vida em si, já que viver é muito perigoso, na concepção do grande romancista brasileiro Guimarães Rosa, mas sobretudo a profissão escolhida. E essa dosagem de otimismo e entusiasmo assume culminâncias quando se trata de determinadas atividades, pela sua natureza e perspectivas. Entre as quais insere-se perfeitamente o labor universitário — nas suas variantes ensino, pesquisa e extensão.

Como conceber-se uma instituição universitária afastada do ideário que a caracteriza desde os seus primórdios? Consequentemente, é de se esperar de cada um que a integra a compreensão e assimilação desse compromisso, ela que é vanguarda das grandes transformações da sociedade. Despoja-se, por tais razões, o Professor, o pesquisador universitário, até mesmo de ambições materiais, na medida em que assume a idéia segundo a qual a sua tarefa destina-se a um compromisso verdadeiramente comunitário.

PRINCÍPIO E CAMINHOS

Vamos encontrar, no âmbito da Universidade Federal de Pernambuco, um jovem professor-pesquisador perfeitamente identificado com esses princípios, não só pela persistência e dedicação com que tem enfrentado os desafios da labuta universitária, nessa região onde as dificuldades materiais falam mais alto, principalmente em se tratando de ensino e pesquisa, mas sobretudo pelos resultados pioneiramente fixados e determinantes de uma nova trincheira de pesquisa: a Arqueologia. Marcos Albuquerque, ainda muito jovem, já sabia quais os caminhos a seguir, no sentido de oferecer uma contribuição significativa às pesquisas e aos estudos universitários em Pernambuco.

Escolheu então uma área praticamente virgem, para os seus estudos e pesquisa, a Arqueologia. Essa ciência tão importante no oferecimento de técnicas e leis destinadas à compreensão e dimensionamento dos fenô-



Arqueólogo Marcos Albuquerque orientando seus pupilos

menos humanos, marcadamente aqueles que se manifestam dentro de uma área eminentemente sócio-cultural e histórica. E o Nordeste brasileiro estava à espera justamente de um Marcos Albuquerque, já que a sua história é rica e ampla, embora ainda carente de uma complementação antropológica efetiva.

Pois bem, decorridos cerca de 15 anos de estudos e pesquisas, hoje Marcos Albuquerque anuncia a descoberta e levantamento de cerca de cem sítios arqueológicos, no Nordeste, 81 dos quais pertencem à história de Pernambuco. Uma vida, pode-se dizer, dedicada ao estabelecimento de um novo ramo de pesquisa no Nordeste. Ele próprio confessa: «Desde 1965 que já tinha o firme propósito de dedicar-me à Arqueologia, época em

que realizei um curso de pós-graduação, no Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Paraná, ministrado pela dra. Anette Emperaire, Diretora de Estudos da Sorbonne, em Paris».

«Foi esse o meu primeiro contato com as técnicas arqueológicas. Época em que se criava na Universidade Federal de Pernambuco uma Divisão de Arqueologia Tropical, integrante do então Instituto de Ciências do Homem. A convite do Chefe da referida Divisão, antropólogo Gilberto Freyre — confessa Marcos Albuquerque —, «fui contratado como auxiliar de pesquisa, com a finalidade de desenvolver pesquisas arqueológicas no âmbito da UFPE, o que venho realizando até hoje — e com muita honra».



Interesse com que estagiários manipulam peças históricas no laboratório

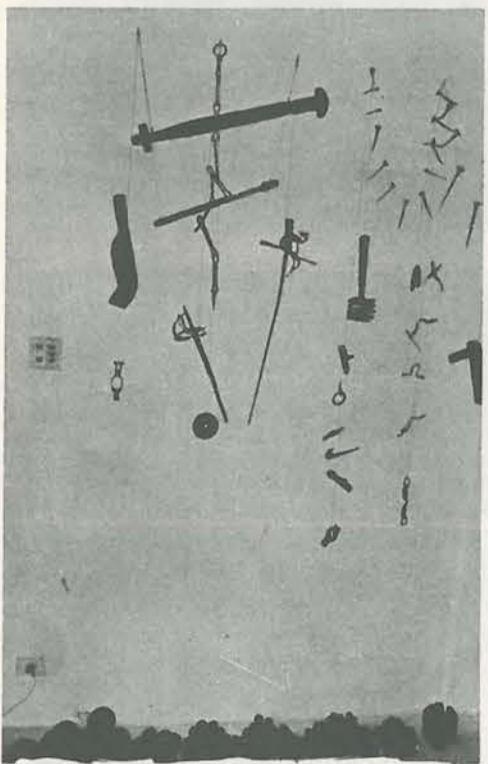
A pesquisa arqueológica exige, além de vocação e preparo técnico e científico, disposição física, principalmente as pesquisas de campo. Para o mapeamento e escavação de um sítio arqueológico, depende-se muito esforço, como elemento auxiliar da técnica. Entre os equipamentos, ferramentas e outros elementos empregados nesse trabalho de campo, até jumentos são úteis no carregamento e transporte, em áreas de pouco acesso. Essa espécie, que tanto ajudou ao nordestino, hoje praticamente em extinção, mercê da ação predadora do próprio homem. E o Professor Marcos Albuquerque conta com uma «equipe» de 50 jumentos, para o seu trabalho de campo. Como se vê, úteis até em matéria de ciência.

Atualmente Marcos realiza análise do sítio arqueológico descoberto em Quipapá, interior de Pernambuco, já tendo classificado nada menos que 4.832 fragmentos de cerâmica utilitária e de urnas funerárias do complexo cultural Tupi-Guarani. O sítio remonta a período anterior ao descobrimento do Brasil.

As pesquisas de laboratório compreendem análise de fragmentos, identificação dos elementos dentro de um complexo cultural, determinação de fases e do contexto sócio-econômico a que pertencem a grupo, inclusive as soluções ecológicas adotadas por cada grupo. Três meses de pesquisa de laboratório equivalem a um mês de pesquisa de campo. Trabalhos em que o Professor Marcos Albuquerque conta com a participação de jovens estudantes, que realizam estágios nos seus laboratórios.



Quando um esqueleto passa a significar perante os vivos: uma projeção arqueológica



Peças extraídas de um sítio arqueológico, confirmam hábitos e valores sócio-econômicos de épocas passadas

Razões de uma opção profissional

JU — O que o levou a se dedicar à Arqueologia?

MA — A escolha de uma atividade profissional normalmente encontra-se relacionada a implicações de ordem psicológica que evidentemente decorrem de um conjunto de experiências vividas até o momento da escolha da carreira a seguir. No nosso caso particular poderia citar três fatores que, acredito, terem influenciado basicamente na escolha da Arqueologia. Em primeiro lugar, sempre, desde muito cedo, me interessei por problemas ligados à origem do homem. Em segundo lugar, a Arqueologia é uma área do conhecimento que exige na sua prática um conhecimento múltiplo de áreas afins, o que muito me agrada. E, finalmente, em terceiro lugar, a Arqueologia proporciona o franco desenvolvimento do espírito aventureiro que caracteriza a profissão, pela natureza de seus trabalhos.

JU — Como surgiu a idéia de se fazer Arqueologia na UFPE?

MA — Nos idos de 1965, já tinha o firme propósito de dedicar-me à Arqueologia, época em que realizei um curso em nível de pós-graduação, no Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Paraná, curso este ministrado pela Dra. Anette Emperaire, Diretora de Estudos da Sorbonne. Sendo este o meu primeiro contato oficial com as técnicas arqueológicas. Nesta mesma época criava-se na UFPE uma Divisão de Antropologia Tropical, integrante do então Instituto de Ciências do Homem. A convite do Chefe da referida Divisão, antropólogo Gilberto Freyre, fui contratado como auxiliar de pesquisa com a finalidade de desenvolver pesquisas arqueológicas no âmbito da UFPE, o que venho realizando com muita honra até os dias atuais.

JU — Qual a sua formação profissional?

MA — Antes de resolver dedicar-me à Arqueologia estive voltado para as Ciências Exatas, tendo ensinado matemática por oito anos. Após a minha decisão profissional por Arqueologia, realizei o Curso de Ciências Sociais, dedicando-me especialmente às cadeiras de Antropologia, tanto Física quanto Cultural; em seguida, realizei um curso de Antropologia na UCP. Após esta formação básica, participei de inúmeros cursos e estágios em nível de pós-graduação em diversas Universidades brasileiras. Em seguida, participei de encontros e debates, tendo realizado palestras nas Universidades do Uruguai e da Argentina, seguindo para Portugal onde, a convite do Instituto de Alta Cultura de Lisboa, realizei um curso de pós-graduação. Nos anos de 1972/73 realizei em Paris um «Diplôme de l'École des Hautes Etudes», com defesa de dissertação (equivalente ao mestrado), concluindo nesta oportunidade a parte teórica do Doutorado.

JU — Na sua opinião, qual a importância das pesquisas arqueológicas?

MA — Poderemos dividir esta resposta em dois itens principais: em primeiro lugar, do ponto de vista científico, a Arqueologia moderna visa à interpretação de soluções ecológico-econômico-sociais adotadas por grupos pré-históricos. Destas conclusões muitas áreas afins poderão se beneficiar. A elaboração, a confirmação ou a negação de teorias poderão relacionar-se com as interpretações arqueológicas, como aliás já existem inúmeros exemplos históricos. Em segundo lugar, como aplicação prática imediata a Arqueologia relaciona-se diretamente com o turismo, considerado com uma «indústria sem chaminés», e de alta rentabilidade em alguns países que já desenvolveram a habilidade de explorar este enorme potencial.

JU — Quais as principais dificuldades encontradas no desenvolvimento dos trabalhos de campo?

MA — O desenvolvimento de uma pesquisa arqueológica no campo reveste-se de um sem número de dificuldades. Algumas delas inerentes ao próprio trabalho. Desta gama de dificuldades tentaremos citar algumas, pois a sua totalidade seria completamente impossível; talvez apenas em um livro especialmente dedicado ao assunto. A vida do arqueólogo no campo é repleta de situações imprevisíveis. As estradas que percorre nem sempre podem ser idealizadas por uma pessoa que nunca acompanhou um trabalho desta natureza. Muitas vezes um veículo com tração nas quatro rodas se torna inútil ante as dificuldades do terreno. Nestas ocasiões todo o material é transportado para o lombo de jumentos e a viagem tem prosseguimento até o local das escavações. Temos uma frota de 60 jumentos espalhados por este Sertão que são solicitados se fazem necessários. Algumas vezes já temos acampado em áreas onde é necessário se caminhar 36 km para se conseguir uma carga d'água, de jumento. Nestes casos água só poderá ser utilizada para cozinhar e beber. Utilizações «supérfluas» como banho, lavagem de roupa etc., estão fora de cogitação. A nossa equipe já passou 30 dias sem poder tomar banho na localidade denominada «Breus», no distrito de Catimbau, município de Buíque. Em uma localidade desta natureza pode-se imaginar o «fartocárdio» que o arqueólogo poderá dispor. Imagine-se ainda problemas de assistência médica em áreas como esta. Razão que impõe na formação do arqueólogo conhecimentos colaterais de sobrevivência. Não foram poucos os partos que tivemos a oportunidade de fazer por estes longínquos sertões. Muitas vezes a coisa complica e somos chamados ao acampamento para resolver. Pontear um talho de foice, fazer um parto ou curar uma dor. Quando alegamos que não somos médicos e sim arqueólogos sempre ouvimos a mesma alegação dentro da simplicidade e ingenuidade dessa gente: «O sinhô num é dôtô;» — «entonce tem di sabê

fazê isso». Muitas vezes, por este sertão afora, temos que colocar um lenço sobre uma poça d'água para podermos saciar a sede com menos impurezas, das maiores. Entretanto, toda esta área de trabalho poderia ser consideravelmente atenuada, caso não tivéssemos que enfrentar outra batalha não menos difícil com a administração extremamente burocratizada. Não é fácil ao burocrata entender em uma prestação de contas a inclusão de comida para um jumento, da ausência de CGC ou mesmo de nota de uma fatia de jerimum ou de um quilo de feijão, a ausência de CPF de um operário eventualmente contratado. Tudo isto em uma área onde muitas vezes se desconhece que existe um poder central que governa o País.

JU — Você acredita que estas dificuldades tendem a diminuir no âmbito da UFPE?

MA — Acredito que sim. Mantive contatos com alguns membros do atual Reitorado, sobretudo com o Pró-Reitor de Apoio Administrativo, o Prof. Marcos Domingues, o qual se mostrou muito sensível ao problema e já obtivemos do mesmo providências imediatas no sentido de atenuar os nossos principais problemas.

JU — Quais os principais trabalhos que você já realizou?

MA — É muito difícil um arqueólogo responder qual o seu trabalho mais importante. Todos revestem-se de importância, pois o conjunto deles forma o quadro do grupo estudado. Poderemos informar que já descobrimos e escavamos 81 sítios arqueológicos em Pernambuco, 6 em Alagoas, 5 na Paraíba, 1 no Paraná e 1 em Portugal. Tentando responder à sua pergunta, posso dizer que alguns destes sítios tiveram uma maior repercussão pública, como é o caso dos Montes Guararapes que foi transformado em Parque Nacional e inaugurado pelo então Presidente Médici.

JU — Qual a participação de estudantes nos trabalhos de pesquisa arqueológica?

MA — Total. Em todos os nossos trabalhos, tanto de campo como de laboratório, fazemos questão de sempre incluir estudantes de pré-história, proporcionando aos mesmos uma vivência profissional e uma escolha mais consciente da profissão.

JU — Qual a equipe atual de Arqueologia?

MA — Atualmente trabalhamos tanto no campo como no laboratório com os universitários Alexandre Alencar, Acácio Catarino, Ana Lúcia Nascimento, Cláudia Alves, Frederica Oliveira, Jackson Cavalcanti Jr, Josuado Menezes, Jucelino Egito, Milton Correia, e Suelly Lima. Esta equipe, das melhores que já passaram por nossas mãos, tendo certeza que surgirão bons profissionais, que contribuirão no futuro para um melhor conhecimento da pré-história brasileira.